



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

STÉPHANIE GUEDES DOS SANTOS MARINHO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE- PB
2019**

STÉPHANIE GUEDES DOS SANTOS MARINHO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M337c Marinho, Stephanie Guedes dos Santos.
A contação de histórias na educação infantil [manuscrito] : relato de experiência em uma escola particular da cidade de Campina Grande - PB / Stephanie Guedes dos Santos Marinho. - 2019.
33 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Educação infantil. 2. Contação de história. 3. Formação do leitor. 4. Criança. I. Título

21. ed. CDD 372

STÉPHANIE GUEDES DOS SANTOS MARINHO


**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE
EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Pedagoga.

Aprovada em: 09/12/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Wanderléia Farias Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A arte de contar histórias necessita de vivência e experiência que só são adquiridas ao longo do tempo. Somente com a prática é que o trabalho com as narrativas sofrerá um salto qualitativo. VALÉRIA SANTOS DA SILVA

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dedoches para a contação de histórias.....	32
Figura 2 – Avental de histórias.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégias utilizadas na contação de histórias.....	33
Quadro 2 – .Atividades desempenhadas no primeiro semestre.....	37
Quadro 3 – .Atividades desempenhadas no segundo semestre.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	ORIGEM DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	10
3	A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CONTEXTOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES.....	14
4	A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.....	19
5	A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB.....	24
5.1	Metodologia	24
5.2.	Proposta de trabalho com a Literatura infantil a partir do relato de experiência.....	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7	REFERÊNCIAS.....	31

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE- PB

Stéphanie Guedes dos Santos Marinho¹
Maria do Socorro Moura Montenegro²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral refletir a importância do ato de contar histórias para crianças, através de um relato de experiência vivenciada na Educação Infantil de uma instituição de ensino da rede privada, no município de Campina Grande – PB. Em relação aos objetivos específicos, a pesquisa visa apresentar um breve histórico acerca da origem da arte de contar histórias e descrever a importância desse ato. No que tange à metodologia foi utilizado o relato de experiência, com ênfase na pesquisa qualitativa e descritiva. Esse relato de experiência foi desenvolvido, a partir de uma entrevista com 01 (uma) professora da Educação Infantil, na *Escola Mundo Encantado*³, a partir do qual foi desenvolvida uma proposta de trabalho com a Literatura infantil na escola onde foi realizado o estudo. A pesquisa bibliográfica utilizou como fonte autores como Mainardes (2008), Busato (2007), Straub (2014), Santos (2011), entre outros, cujos estudos serviram como base para a proposta de intervenção sugerida nesse trabalho, eles incluem estratégias para dinamizar o trabalho com a Contação de Histórias e a complementação com outros recursos, como por exemplo, fantoches, bonecos, imagens e entre outros.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de Histórias. Formação do Leitor. Criança.

ABSTRACT

This study aims to discuss the importance of storytelling for children in early childhood education in a private school in Campina Grande - PB, so that the benefits of this practice can be shown. As for the specific objectives, this experience report aims to present a brief history about the origin of the art of storytelling; describe the importance of storytelling and identify the impact of the art of storytelling in the process of initiation into reader training. Regarding the methodology, the experience report was used, with emphasis on qualitative and descriptive research. This experience report was developed from an interview with 01 (one) teacher of Early Childhood Education at Mundo Encantado School, from which we developed a work proposal with Children's Literature on the school where the survey was carried.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia no Campus I – Campina Grande – PB. Professora na Educação Infantil em uma escola particular da cidade de Campina Grande – PB. Email: steprof@hotmail.com

² Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, Doutora em Linguística pela UFPB, ministra o componente curricular: Alfabetização e Letramento; Literatura Infantil e Contação de Histórias no curso de Pedagogia – Campus I – Campina Grande- PB. Email: socorromontenegro@gmail.com

³ Nome fictício da Escola.

The bibliographic research used as source authors such as Mainardes (2008), Busato (2007), Straub (2014), Santos (2011) and others, whose studies based the intervention proposal suggested in this work, they include strategies to streamline working with Storytelling and complementing with other features such as puppets, dolls, pictures and more.

Keywords: Early Childhood Education. Storytelling. Reader Formation. Child.

1. INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade que pode ser desenvolvida pelos indivíduos com diversas finalidades, lemos para obter informações, para estudar e nos aprofundar em uma determinada temática, também lemos por puro deleite e entretenimento. Seja qual for a finalidade, o processo de leitura acontece por intermédio do código escrito, que geralmente se inicia com a vida escolar e se perpetua por toda a vida.

Na fase escolar, as atividades relacionadas à leitura são práticas que devem ser impulsionadas pelos professores ou educadores, de modo que estimulem as crianças e os adolescentes a transformarem o ato de ler em um hábito, visto que contribuem para obtenção de novos conhecimentos, para ampliar os horizontes, proporcionando novas interpretações e novas compreensões acerca de uma diversidade de temáticas.

Consideramos que a escola tem um papel relevante no tocante à inserção da prática da leitura, sendo fundamental iniciá-la já na etapa da Educação Infantil quando as crianças encontram-se ainda em fases iniciais do seu desenvolvimento cognitivo. Para tanto, o ambiente escolar deve desenvolver ações e projetos que possam incentivar a leitura entre as crianças, apresentando-a como sendo uma atividade prazerosa e não de obrigação ou ainda apenas como uma ferramenta de aprendizagem dos conteúdos tradicionais.

Sendo assim, o estudo sobre a importância da contação de histórias justifica-se por promover a discussão de uma temática cujos resultados podem contribuir para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, através do estímulo ao imaginário, à criatividade, aguçando o senso crítico para, no seu processo ou estágio de leitura, ampliar os seus conhecimentos. É nessa perspectiva, que compreendemos o quanto a leitura é uma prática que deve ser incentivada de modo constante e progressivo no âmbito escolar, uma vez que essa atividade está presente durante toda a vida do indivíduo e, com isso, poderemos contribuir para o benefício dessa prática, um leitor proficiente para a vida inteira.

Considerando a importância da leitura, partimos para a delimitação de um de seus aspectos: a arte de contar histórias, que dentro do contexto estudado nesse trabalho, trata-se de recurso que pode ser empregado pelo professor como uma atividade que possa transformar o leitor. É uma das primeiras experiências de contato com a leitura propriamente dita, ainda que seja por meio de um interlocutor, a pessoa que conta a história.

Na perspectiva de Sousa e Straub (2014), o momento de contar histórias impulsiona a curiosidade do menor. A prática de contar histórias oportuniza que o narrador conheça melhor às crianças, criando vínculos com as mesmas. Porém, para que isso ocorra, é preciso que a criança sinta-se a vontade e confiante para se expressar e expor suas opiniões acerca da história contada. Dessa maneira, a arte de contar histórias deve estar inserida no planejamento e na rotina do professor, independente da faixa etária das crianças de modo interativo e lúdico.

Com base no que foi retratado acerca da leitura e da arte de contar histórias, questionamos: Qual a importância da arte de contar histórias para as crianças que se encontram em fase escolar?

A partir dessas reflexões, o presente estudo tem como objetivo geral refletir a importância do ato de contar histórias para crianças, através de um relato de experiência vivenciada na Educação Infantil de uma instituição de ensino da rede privada, no município de Campina Grande – PB. Em relação aos objetivos

específicos, a pesquisa visa apresentar um breve histórico acerca da origem da arte de contar histórias e descrever a importância do ato de contar histórias e identificar o impacto da arte de contar histórias na formação do leitor.

Outro aspecto relevante a ser focado no contexto da contação de histórias está relacionado à importância da preparação e formação narrador/professor que executam essa atividade, uma vez que eles são o canal entre a história apresentada e a experiência vivenciada pelas crianças. A partir dessas considerações, é necessário que esses profissionais/professores disponham de conhecimento acerca das ações e estratégias que podem ser desenvolvidas sobre as diferentes formas mais adequadas de se contar histórias na Educação Infantil, de modo que a atividade se desenvolva de forma prazerosa e desperte o interesse dos alunos. A ausência desse tipo de habilidades pode contribuir para que a atividade não seja exitosa.

O estudo apresentado trata-se de um relato de experiência desenvolvido na *Escola Mundo Encantado*⁴, localizada no bairro do Catolé em Campina Grande-PB, onde buscou-se conhecer as vivências e impressões de uma professora da educação infantil na arte de contar histórias, valendo-se de pesquisa do tipo qualitativa, com base no enfoque interpretativista e descritivo, visando detalhar as etapas referentes à contação de histórias desenvolvida pela participante da pesquisa.

A entrevista foi realizada no dia 05 de junho de 2019, as respostas permitiram a obtenção das informações a respeito das etapas que envolvem o processo de contação de história, desde o seu planejamento até o desenvolvimento das atividades propriamente ditas, assim como as dificuldades e os desafios enfrentados.

A partir das considerações desenvolvidas, o presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: a primeira parte consiste em uma revisão da literatura, onde trataremos sobre a origem e histórico da arte de contar histórias, da importância do ato de contar histórias na escola e fora dela, possibilidade de estratégias para o desenvolvimento da contação de histórias. Posteriormente, foi apresentada a metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo, e, em seguida, a proposta de trabalho com a literatura infantil. Por fim, as considerações finais e referências bibliográficas utilizadas no decorrer dessa pesquisa.

2. ORIGEM DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Para que possamos caracterizar a importância do ato de contar histórias e os seus benefícios, é necessário compreender as origens que desencadearam essa atividade e apontar o breve histórico do desenvolvimento dessa prática.

Segundo Mainardes (2008), nas sociedades primitivas, a contação de histórias possuía uma especificidade funcional e decisiva, onde os contadores eram os responsáveis por preservá-las e transmiti-las. Sendo assim, durante séculos, essa cultura foi sustentada sem a escrita, e sim, pela memória viva. Os contos de tradição oral seguiram do Oriente para o Ocidente, no qual foram propagadas de geração em geração.

Com base nas considerações de Souza e Bernardino (2011), na antiguidade, a contação oral de histórias era compreendida de modo inferior à escrita e os povos

⁴ Nome fictício.

se agrupavam em torno das fogueiras e disseminavam suas lendas e contos, difundindo os seus costumes e cultura. Essa propagação de lendas e contos correspondia às histórias do imaginário popular oriundas da memória coletiva, direcionadas aos ouvintes que não sabiam ler. Nesse contexto, durante um significativo período da história, essa prática foi ignorada pela sociedade, tendo em vista que a reunião das pessoas para ouvir histórias era concebida como uma atividade simplória.

Nessa perspectiva, é necessário compreender que, durante um significativo período da história, as crianças eram reconhecidas com as mesmas atribuições dos adultos, exercendo atividades semelhantes aos dos mais velhos e no que diz respeito à cultura literária, as crianças possuíam as mesmas referências dos adultos.

Mateus et al. (2014) consideram que foi apenas com a ascensão da burguesia e da reestruturação familiar que a criança passou a ser compreendida como sujeito distinto do adulto. Considerando essas particularidades, no século XVIII, a Literatura Infantil obteve destaque de relevância no contexto escolar, instaurando a necessidade de uma alteração na mentalidade sociocognitiva que a criança possuía. Sendo assim, o ambiente escolar foi considerado um dos principais intermediadores para que a transformação da criança ocorresse por meio da literatura.

Ainda no entendimento de Mateus et al. (2014), as primeiras produções infantis foram desenvolvidas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII.

Nesse sentido, compreendemos que, desde a antiguidade até a fase contemporânea, as pessoas sentiam a necessidade de comunicar os sentidos da vida, alcançar explicações para as diversas inquietações, repassar valores através das gerações, incentivando, desse modo, o ato de contar, ouvir e recontar histórias.

De acordo com Faria et al. (2017), a arte de contar histórias é considerada uma prática significativamente antiga. Nessa visão da história, sabemos que o homem foi acumulando diversas experiências que foram repassadas de geração a geração. E, é por meio da contação de histórias, que as pessoas assimilam/assimilavam fatos decorrentes de outras gerações e começavam a acumular experiências de vida.

Segundo Bernardino e Souza (2011), a contação de história é uma atividade considerada antiga e foi desencadeada antes da escrita, considerando que a contação de histórias era feita oralmente, na qual eram narrados fatos do dia a dia, transferindo, desse modo, valores, mitos, crenças, ensinamentos, que iam sendo repassados de geração para geração. Devemos ressaltar também que essa atividade era caracterizada com a finalidade de entretenimento e de lazer.

Por isso, a memória das pessoas em relação aos fatos decorrentes do passado era transmitida às gerações futuras por meio da oralidade. Isso significa dizer que a oralidade corresponde a um recurso relevante quando nos referimos à arte de contar histórias. No passado, as famílias e comunidades, reuniam-se para ouvir histórias contadas pelos mais antigos, no entanto, é cada vez mais perceptível que essa prática com o tempo foi perdendo a sua significância.

Com base nas considerações de Faria et al. (2017), com o desencadeamento e a evolução dos sistemas de escrita, a contação de histórias que anteriormente era compreendida como uma atividade superior e de relevância foi aos poucos perdendo a notoriedade em decorrência da separação entre a cultura erudita/instruída e a popular/leiga⁵.

⁵ Erudita/Instruída significa aquilo que é culto, letrado, instruído e literato. E a popular/leiga diz respeito àquilo que é comum e alheio.

Mainardes (2008) considera que em decorrência da invenção da imprensa, os livros e os jornais se tornaram significativos intermediadores culturais dos povos. Desse modo, os antigos contadores ficaram para trás em um determinado momento histórico, no entanto, os contos tradicionais se integraram de modo definitivo na cultura brasileira. Podemos citar como exemplo, os Irmãos Grimm e Perrault, que coletaram e registraram os contos obtidos da boca do povo, possibilitando que chegassem até a atualidade.

A desvalorização da prática da contação de histórias também está associada às mudanças ocorridas na rotina das pessoas, com uma quantidade de afazeres e compromissos cada vez maior, houve uma redução do tempo dedicado à convivência em comunidade, e com ela a troca de experiências e histórias. Em relação a essas mudanças, verifica-se que:

[...] Mudaram os tempos, mudam os costumes. Os valores não são mais os mesmos. Atualmente, poucas famílias têm o hábito de contar histórias para as crianças à hora de dormir, essa atividade foi dando lugar a outros interesses. Com os avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, as pessoas preferem a televisão, o vídeo game e o computador ao livro. Mas o fascínio que as histórias exercem sobre o homem não mudou, pois quando se conta uma história lança-se um fio invisível que vai enredando o narrador ao ouvinte, pelas tênues tramas da narração (MAINARDES, 2008, p. 04).

Com base na ideia desse autor, as transformações sociais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas interferiram significativamente nos costumes e valores dos indivíduos. Nesse contexto, o hábito pela leitura, de um modo geral, sofreu uma significativa consequência negativa, caracterizada pela perda de interesse por essa atividade, substituída pela preferência por outros instrumentos, como por exemplo, televisão, computador, jogos e entre outros.

No entanto, admitimos que, nem por isso devemos abandonar o ato de contar histórias no contexto da Educação Infantil, uma vez que é nessa fase que a criança é iniciada no mundo da leitura.

De acordo com Pereira (2017), no contexto atual, o hábito de contar histórias vem sendo esquecido, tendo em vista que as crianças do século XXI estão sendo mais estimuladas pela sociedade de consumo ao uso das novas tecnologias, como é o caso dos telefones celulares, dos tablets, do vídeo game e dos diversos outros instrumentos tecnológicos, enquanto os adultos se encontram mergulhados no mundo do trabalho e acabam negligenciando o brincar da criança, no sentido de não acompanhá-los nas suas brincadeiras. Essa postura acaba deixando as crianças entregues a parafernália tecnológica, sendo, muitas vezes marcados pela pressa, pela ausência do sentar, ouvir e contar histórias.

Vivenciamos um período em que é na escola que estão sendo formados os novos contadores de histórias, ainda que de maneira distinta dos contadores tradicionais, que contavam suas vivências e contos na beira de uma fogueira e na sala de uma casa. Sendo assim, existe uma faísca de esperança quando se fala da tradição de contar histórias, de maneira que essas raízes não sejam deixadas de lado, sobretudo no ambiente educacional.

Na visão de Busatto (2006), a contação de histórias foi instaurada nas últimas décadas do século XX, no qual foi sucedido o conceito de obra aberta. Porém, se deve ressaltar que os contos de fadas, mitos ou lendas são criações que possuem centenas de anos.

Ainda, na perspectiva desse autor, a narração oral corresponde a uma arte comunicacional que corre o risco de se perder no decorrer do tempo em decorrência do desencadeamento de novos mecanismos de saberes. No entanto, ressalta que nas últimas décadas do século XX, vem ocorrendo uma reinvenção dessas práticas, em que os contadores de histórias se apropriaram da oralidade para levar um determinado texto aos seus ouvintes, estejam esses indivíduos no teatro, em casa, na rua, na sala de aula, na festa ou em um *shopping center*, por exemplo.

De acordo com Pereira (2017), os contadores de histórias existentes na atualidade são considerados distintos dos contadores que existiam no passado, tendo em vista que no contexto atual, os narradores não contam as histórias à beira da fogueira e não utilizam os recursos antigos. Os contadores de histórias contemporâneos estão em outros ambientes além da sala de aula, como por exemplo, no teatro, na participação de eventos, nos hospitais e em outros locais. Os contadores estão onde são chamados, com o intuito de alegrar e levar esperança a quem necessitar e independente do conteúdo da história, seja dramática, trágica, conto de fadas ou de terror, os contadores sempre estarão disponíveis para disseminarem histórias. Podemos trazer para a nossa realidade se considerarmos que todo ser humano vive contando histórias ao outro, ao relatar, constantemente, fatos do seu cotidiano com os pais, irmãos, amigos, professores, etc.

Com base nessa reflexão, a mudança no perfil dos contadores de histórias é considerada positiva, tendo em vista que atualmente podem ser utilizados diversos mecanismos que tenham aparato tecnológico, mais adequado à realidade das crianças, sem que, no entanto, sejam negligenciadas as raízes e a tradição dos contadores antigos.

Pereira (2017) revela que não foram apenas os contadores de histórias que se modificaram com o decorrer do tempo, as histórias também sofreram alterações, tendo em vista que elas se ajustam à cultura, ao âmbito social e aos hábitos presentes na sociedade. Dessa maneira, isso pode ser verificado, ao averiguarmos as mudanças das histórias no processo da história. Caso retrocedamos no período em que os contos tradicionais foram desenvolvidos, podemos constatar, por exemplo, que a mulher, segundo Michelle Perrot (2008, p. 11), “no século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”.

Tomemos como exemplo a representação feminina nas histórias, que tradicionalmente, refletiam a desvalorização da mulher em nossa sociedade, retratando-a como indivíduos que só serviam para procriar, portanto teria que casar e servir à família, sendo sempre essa pessoa extremamente submissa, que deveria se prender aos valores da submissão e da obediência, advindas da formação da sociedade patriarcal na qual a sociedade brasileira viveu, com mais intensidade, no século XIX. Papel bem retratado nos contos clássicos, quando as princesas deveriam esperar, demasiadamente, pelos seus príncipes, pois só eles poderiam oferecer e reunir todas as condições de resolver os seus problemas, pois era a figura masculina que representava a virilidade, a força, próprios da representação da figura dos personagens masculinos.

Na sociedade atual, a figura da mulher alcançou um seu espaço libertador, quando, à custa de muita luta, conseguiu libertar-se de diversos preconceitos. Isso dá para se perceber na nossa sociedade atual, quando a mulher não é mais considerada como sendo um sexo frágil, e isso tem refletido nas histórias atuais.

Ainda na visão de Pereira (2017), os contos contemporâneos retratam o papel da mulher configurando a sociedade atual, histórias do tipo “*A princesa e o sapo*”,

que apresenta uma princesa negra com o sonho de ser uma empresária, onde a personagem exerce função de uma garçonete, enquanto economiza dinheiro para poder iniciar o seu próprio empreendimento, acreditando que não basta apenas sonhar, sendo necessário ir em busca de concretizá-lo. Desse modo, essas histórias acabam fortalecendo o sentido da representatividade. A respeito desse tema destacamos:

As histórias têm uma influência imensurável na preparação das crianças para a vida adulta. É imprescindível dar às crianças a oportunidade de conhecer os diversos tipos de contos de fadas, afim de que possam perceber a variedade de soluções para seus dilemas, e com menos ênfase em ilustrações, permitindo assim o melhor aproveitamento do imaginário infantil (PEREIRA, 2017, p. 17).

No entendimento de Busatto (2006), o contador contemporâneo se utilizava de oralidade secundária⁶, na qual se associa ao contexto da cultura letrada, apoderando-se da escrita, da impressão e das novas tecnologias. Outra característica marcante do contador de histórias contemporâneo são as influências dos meios de comunicação que estão ao seu redor, como por exemplo, a imprensa escrita, o rádio, a TV, o telefone e a internet. Carregando para o exercício da contação de histórias marcas de outras artes, dentre elas, a dança, a poesia, o teatro, a declamação e o canto.

Na atualidade, a arte de contar histórias encontra-se atrelada a outros mecanismos, sejam eles, a utilização da tecnologia, ao aprimoramento das técnicas de contação de histórias, recursos que podem e devem ser utilizados pelos professores/educadores para contribuir na formação do leitor. Considerando tal aspecto, os recursos tecnológicos tendem a deixar de rivalizar com a simples atividade de contar histórias para aliar-se a ela como ferramenta de conquista da atenção e interesse das crianças.

Tais considerações levam-nos a reforçar a necessidade do sistema de ensino brasileiro investir na qualificação e formação de profissionais, através da leitura, participação em eventos acadêmicos, cursos de atualização, conversas com os seus pares, atividades que estimulem os professores a introduzir a contação de histórias no contexto da Educação infantil e nos anos Iniciais do Ensino Fundamental.

As técnicas e ações/atividades pedagógicas precisam ser repensadas e reinventadas visando estimular as crianças para o interesse pela leitura. Nesse sentido, as seções a seguir discorrem sobre a importância da contação de histórias nos processos desenvolvidos na Educação Infantil e apresentam as estratégias que os professores podem adotar.

3. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CONTEXTOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES

Conforme tratado na seção anterior, a arte de contar histórias corresponde a um ato milenar que, aplicada ao contexto escolar acarreta vantagens para as

⁶A oralidade secundária é caracterizada por estar mais distante da realidade concreta, tendo em vista que, desenvolve um pensamento mais abstrato, promovido pela escrita.

crianças, uma vez que é por meio dessa atividade que o narrador/professor pode encantá-las, estimulando o desenhar, o ouvir, o pensar, o escrever. Sobretudo, quando temos consciência de que as crianças se encontram em uma fase de desenvolvimento em que as novas descobertas são muito significativas para o aprendizado delas.

No entendimento de Mainardes (2008), ouvir histórias na infância é um exercício fundamental para a formação das crianças, sobretudo aquelas que se encontram na Educação Infantil, no processo de sua fase inicial da sua aprendizagem como leitor. É através das histórias contadas que se prepara a criança para que ela vivencie a realidade com maior segurança, frente às suas dificuldades para que possa encontrar um caminho adequado para a resolução de suas questões. Por meio dessa prática, as crianças podem sentir e vivenciar diversas emoções como a raiva, a tristeza, a alegria e diversas outras.

Ainda na percepção desse autor, ao contar histórias para uma criança, cria-se um ambiente de encantamento, atrelada ao suspense e a emoção. Esse processo de contar histórias deve tocar as crianças e ao mesmo tempo, aprimorar e enriquecer a sua perspectiva de mundo para, aos poucos, compreender o mundo em que vive e compreender a si mesma.

A contação de histórias, também possibilita que as crianças saiam de sua realidade e passem a enxergar novos horizontes, novas perspectivas, novas sensações e sentimentos. Todas essas vivências oportunizadas pelas histórias contadas são de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo.

[...] Na medida em que se familiarizam com a arte (a arte da palavra, a arte do contar - no caso mais específico, a literatura), as crianças vão percebendo os elementos estéticos – os elementos que fazem daquele “objeto” um objeto de arte. Elas também vão, desde cedo, criando critérios de valoração (mesmo que de forma simples), de comparação o, de classificação, de fruição (o prazer de ouvir; o prazer de ter contato com uma história bonita e bem contada; o prazer de ver imagens (ilustrações) instigantes nos livros, etc). A convivência e familiaridade com a arte faz surgir a necessidade de torná-la cada vez mais presente no cotidiano, no dia-a-dia, na vida. A arte passa a ser não só o escudo, mas a metáfora necessária para a criança entender o mundo e até se proteger (futuramente?) das agruras da vida. A arte passa não só a ter um valor como a ser um valor. E a literatura, pouco a pouco, vai se tornando esse valor na vida do leitor. Prazer e catarse também entram nesta relação! (SISTO, 2008, p. 03).

Conforme Sisto (2008), a arte de contar histórias faz com que o ouvinte entenda o mundo e a si mesmo, por isso, compreendemos essa prática desencadeia inúmeros sentimentos para os ouvintes/leitores, independente da faixa etária, porém de forma condicionada às estratégias desenvolvidas pelo contador(a) de histórias/professor(a).

A contação de histórias faz com que o leitor/ouvinte sinta o interesse e/ou mesmo a necessidade pela literatura, pela criação de imagens, de ilustrações e/ou de outros aspectos que a compõem, com relação a isso destacamos:

As histórias narradas oralmente proporcionam às crianças uma visão epocal (ainda que de uma forma esboçada), seja do seu tempo, seja de outros tempos. O recorte oferecido pela história delinea sempre uma época, um

conjunto de costumes, comportamentos, vivências, códigos de ações, uma ética, que acabam fazendo do texto esse complexo histórico. E se as histórias forem ainda contos populares, há a possibilidade de revelarem uma sabedoria ancestral e a tradição dos povos, com temáticas de caráter universal e neste caso, apagando (borrando ou tornando elástica) a linha do tempo, pela potencialização de questões que são de ontem e hoje, de todo e qualquer tempo (SISTO, 2008, p. 02).

Com base nessa reflexão de Sisto (2008), as histórias que são narradas são fundamentais para que os ouvintes/leitores conheçam os seus antepassados e seus hábitos de vida. Nessa perspectiva, Souza e Bernardino (2011) compreendem que através do aprendizado sobre os povos e suas respectivas culturas, aprendemos de também sobre História, Geografia, Matemática e qualquer outra disciplina. E, isso acontece de forma natural, porém, não devemos usar a contação de histórias como pretexto para ensinar conteúdos de aprendizagem, pois deixa de ser Literatura, perde-se todo o encanto, toda ludicidade.

Nessa perspectiva, a contação de histórias pode, indubitavelmente, incentivar a criança a criar o hábito e o prazer pela leitura, por isso que os professores devem incentivá-las e, isso pode ocorrer, naturalmente, basta apenas que o professor conte histórias, sempre que puder, para as crianças. Essa estratégia torna-se extremamente relevante para o desenvolvimento das crianças, uma vez que desperta a curiosidade e a criatividade delas sobre a história contada, contribuindo também para estimular a criticidade da criança. Por essa razão deve-se abrir espaço para que as crianças possam dizer o que compreenderam das histórias contadas.

Conforme Santana e Fonseca (2012), a leitura das histórias em voz alta é um método que incentiva a leitura das crianças e, quando incluímos as imagens, esses elementos também passam a fazer parte da leitura, tornando-a mais atrativa. Desse modo, é primordial que os professores, além da contação de histórias, deixem livros infantis ao alcance das crianças e os deixem livres para escolher as leituras que farão, o que não necessariamente depende da criança já ser alfabetizada, mas possibilitem o contato com o suporte – livro infantil - estimulando a curiosidade das crianças. É importante que os professores também tenham lido os livros, pois servirá de exemplo para o possível leitor que se pretende formar.

Santana e Fonseca (2012) ainda pontuam que na Educação Infantil, os contos de fadas são considerados indispensáveis para o desenvolvimento intelectual das crianças, no que diz respeito à leitura, sendo caracterizado como um instante do mundo mágico que auxilia o ouvinte a viajar. Nessa etapa, o estímulo à fantasia tem importância fundamental para a vida das crianças. Nesse processo, inconscientemente se tem acesso à linguagem.

Quanto às habilidades desenvolvidas, Mateus et al. (2014) destaca que a contação de histórias está associada com a imaginação infantil. A utilização dessa atividade incita o imaginário, a curiosidade, o gosto e o hábito pela leitura, o enriquecimento de vocabulário, da cultura, da associação de elementos referenciais que promoverão o desenvolvimento do consciente e do subconsciente da criança, sucedendo na constituição da sua personalidade, dos seus valores, dos seus hábitos e de suas formas de ver o mundo e a si mesma.

Segundo Pereira (2017), o contador possui um papel fundamental no “despertamento”⁷ da curiosidade e do estímulo pela leitura por parte das crianças. Os professores, por falta de um preparo específico, podem contribuir para o desinteresse pela leitura, de modo que pode ser vista como uma prática social

⁷ Essa palavra é um neologismo, uma vez que não existe no dicionário, por isso está aspeada. (GRIFOS MEUS).

chata, monótona, cansativa e não atrativa. Sendo assim, a leitura e a contação de histórias precisam envolver a criança de modo que a leve a sonhar, a fantasiar e a desenvolver o seu imaginário, por meio da fantasia. É dessa forma que o professor poderá promover a leitura como algo extremamente interessante, que se tenha prazer e seja desejado pela criança, estimulando nelas, a curiosidade em querer descobrir, cada vez mais, o mundo que a cerca, chegando a ampliar seus horizontes.

Na perspectiva de Souza e Bernardino (2011), no que diz respeito à relação com as histórias, as crianças passam a despertar sensações como se de fato vivenciassem os acontecimentos relatados. Estas emoções possibilitam que, por meio da imaginação, possa ser concretizada a capacidade de resolver problemas e ao ser estimulada a raciocinar, a pensar, a criança terá muito mais condições de enfrentar os problemas vivenciados no seu cotidiano.

Nessa reflexão, estamos preocupados com a presença da arte de contar histórias na Educação Infantil que corresponde, também, aos sentidos que a criança possa atribuir à história contada. Para isso, basta que se naturalize, desde a Educação Infantil, a prática da contação de histórias, bastando apenas que o (a) professor (a) compreenda que não há um único sentido para uma história e/ou uma única forma de se realizar a contação de histórias. É necessário desconstruir a moral da história, ao atribuímos vários sentidos para uma mesma história, por entender que ler é atribuição de sentidos e que se inicia a leitura pelo ato de contar histórias, já que é por esse ato, que as crianças iniciam o processo de compreensão leitora.

Sendo assim, o ambiente escolar é um espaço importante para utilizar a Literatura Infantil, por meio da contação de histórias para que possamos disseminar as emoções, os sentimentos, o pensar, o agir, a humanização, no sentido de se colocar no lugar do outro, além de possibilitar a ampliação de novos horizontes. Conforme o contexto social familiar no qual a criança está inserida, é possível que a criança não vivencie esses momentos em casa ou na comunidade em que está inserida, embora reconheçamos que, cabe ao professor ter um conhecimento mais qualificado, uma vez que é o seu papel. Em geral, os pais de acordo com o seu nível cultural propiciam ou não, um tempo para contar histórias aos seus filhos, mesmo sem saber que estão contribuindo indiretamente para o processo de formação do gosto pela leitura.

Mateus et al. (2014) afirmam que a utilização da contação de histórias em espaços livres, silenciosos ou mesmo em uma sala de aula contribuem para a concentração das crianças que, por sua vez, são motivados a imaginar e a criar, enquanto que os professores precisam formar o leitor, a partir da Educação Infantil. Nesse sentido, as histórias despertam, nas crianças, a imaginação, a descoberta, a emoção e o encantamento pela leitura.

De acordo com Souza e Bernardino (2011), a forma de se contar histórias é considerada motivadora e enriquecedora no que diz respeito à Educação Infantil e também aos anos iniciais do Ensino Fundamental, no entanto, os professores devem ter o cuidado com a narração, tendo em vista que ela deve ser previsível para a criança, com uma linguagem fácil, com a presença de imagens que possam ser exploradas, posteriormente, de maneira lúdica. Sendo assim, as narrativas podem promover, nas crianças, um melhor desenvolvimento na sua capacidade de compreensão leitora.

Com base no entendimento de Mainardes (2008), a contação de histórias em sala de aula promove diversas possibilidades, dentre elas, a diversão, a educação, a socialização e o desenvolvimento da inteligência e da sensibilidade da criança. No

entanto, para despertar na criança a vontade de ouvir histórias, é necessário oferecê-la um ambiente propício que as deixem a vontade e livres para vivenciar o momento, deixando-se viajar na narrativa da história. É dessa forma que a leitura deve ser capaz de estimular as crianças para que elas possam, ora se deleitar, ora estabelecer relações com a sua vida. Tudo isso é um processo pelo qual o leitor passa para se constituir leitor.

Ainda na visão de Santos (2011), a creche e/ou a pré-escola, por sua vez, possui um papel importante na socialização das crianças da Educação Infantil. Nesse sentido, os contadores/professores devem conhecer as histórias e a realidade das crianças, tomando como base as suas vivências e experiências, para interceder de modo adequado, seja por meio de diálogo ou através de um planejamento consciente, desde que ouça primeiro o que as crianças têm a dizer sobre a história contada.

Nessa perspectiva, a creche ou a pré-escola é considerada a principal responsável por iniciar o processo de formação leitora, a partir da prática de contar histórias às crianças, podendo também envolver a família nesse processo, sabendo que há realidades nas quais os pais também participam desse momento mágico da contação de histórias, desde que faça parte do planejamento do professor. Com essa reflexão, as crianças poderão se tornar adolescentes e adultos que apreciarão a arte e a literatura, tornando-se leitores para a vida inteira. Além de se tornarem-se seres humanos mais sensíveis capazes de se colocar no lugar do outro, se levamos em consideração que a literatura propicia, entre outras coisas, a humanização do ser humano.

Souza e Bernardino (2011) também consideram que a escola possui uma significativa responsabilidade nesse processo de valorização da leitura, uma vez que é o seu papel do sistema educativo auxiliar desde a Educação Infantil, no processo de construção de uma identidade e de encontro dentro da própria cultura. Assim sendo, a escola deve desenvolver e divulgar contos orais e escritos que evidenciem a realidade pluricultural brasileira, incluindo também o resgate histórico da tradição afro-indígena, beneficiando, dessa maneira, a construção da identidade das crianças.

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias o professor estabelece com o aluno [a criança] um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma platéia atenta as histórias, costumes e valores do seu povo. A platéia não se reúne mais em volta do fogo, mas nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno [a criança] e o livro (MAINARDES, 2008, p. 05).

Conforme as reflexões de Mainardes (2008), a contação de histórias precisa ser levada mais a sério, deixando de ocupar apenas o papel de mais uma atividade complementar do currículo da Educação Infantil. Ao tratar a contação de histórias com a devida importância, estaremos contribuindo com uma relação positiva da criança com a leitura. Essa relação pode promover a interação e o elo entre o ouvinte e o livro, acarretando benefícios às crianças, uma vez que as emoções e todo o leque de oportunidades, com vistas a aguçar sentimentos durante a narração, de modo a criarem seu interior um processo imaginário e criativo, que deve ser

instigado cotidianamente pela creche ou pela pré-escola. Segundo Sisto (2008, p. 03):

[...] as crianças que têm contato com as histórias desenvolvem mais a imaginação, a criatividade e a capacidade de discernimento e crítica; na medida em que se tornam ouvintes e leitores críticos, as crianças assumem o protagonismo de suas próprias vidas (SISTO, 2008, p. 03);

Ainda em relação à importância da contação de histórias, de acordo com Santana e Fonseca (2012), essa prática é considerada significativamente relevante para cada criança, no entanto, não é suficiente, apenas, que o educador saiba contar as histórias, já que é necessário que o mesmo leia a história anteriormente, compreenda o contexto, entenda o que a história deseja repassar. E desse modo, conte as histórias contendo todos os detalhes, desde a narrativa, com suas tramas, conflitos, obstáculos, etc.

Outro aspecto ainda não abordado a respeito da importância da contação de histórias é a possibilidade de utilizá-la na resolução de conflitos no período inicial da vida das crianças, tendo em vista que as temáticas das narrativas apresentam uma moral a ser ensinada a esses ouvintes. Nesse contexto, é importante oportunizar que as crianças expressem as suas opiniões e interpretações acerca da história contada, ouvi-las faz parte do processo de identificação e reconhecimento. Nessa perspectiva, compreendemos que todo o processo de criatividade e imaginação presente na narração das histórias pode oportunizar as crianças a se posicionarem e a tomarem decisões.

O desenvolvimento da criatividade e a capacidade de discernir em relação a algum contexto é muito importante e se inicia no período da infância. A arte de contar histórias pode estimular a formação de caráter da criança. É por meio da história contada e dos personagens, que a criança cria e imagina novos cenários e para que esses objetivos sejam colocados em ação, os contadores/professores da Educação Infantil devem ser criativos e comprometidos com o processo de formação leitora das crianças.

4. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

A contação de histórias promove o processo de criação, imaginação e interesse pela leitura e socialização, desse modo, os professores devem planejar estratégias e recursos para o seu planejamento para que essas atividades possam gerar os resultados esperados, no sentido de despertar o interesse pela leitura. Isso significa que os professores devem planejar como irão proceder na escolha das histórias e no ato de narrar conforme as particularidades de seu público alvo.

Vale salientar que a estratégia a qual me refiro encontra-se situada no arcabouço teórico de Michel de Certeau (2008), quando a estratégia corresponde à arte do forte, isto é, o poder está representado pela figura do (a) professor (a), que pode planejar suas atividades de contações de histórias, com vistas a formar, não só um leitor, mas um leitor crítico, a partir de suas escolhas de temáticas diversificadas, que proporcionem às crianças, desde a Educação Infantil, o despertar do senso crítico.

No entendimento de Santos (2011), para que os professores possam contar histórias marcadas pela participação de todos os ouvintes, pode-se utilizar outros recursos além do livro, a exemplo do utilizar o teatro e o recurso dos sons. A utilização desses recursos possibilita estabelecer uma relação de maior proximidade entre as crianças e as histórias contadas, reforçando a necessidade de um preparo prévio dos profissionais de educação através do planejamento desenvolvido por ele.

Santos (2011) reitera, ainda, que cabe ao professor desenvolver estratégias, por meio de técnicas que se voltem para a contação de histórias no processo de formação leitora, de modo que o(a) professor(a) esteja atento(a) a escolha da história, ora em conformidade com a idade das crianças, ora de acordo com o interesse das crianças, através do respeito às técnicas associadas à preparação do cenário, à concentração, ao tom de voz, a postura, ao suspense, ao clímax e ao fechamento. Podendo, ainda, diversificar as maneiras de contar uma mesma história: lida, narrada, dramatizada, com fantoches, dedoches, avental, em tapetes, etc. Além disso, pode-se ainda levar em consideração os conhecimentos prévios das crianças.

A atuação e o empenho dos professores/contadores de histórias são fundamentais para que eles consigam obter resultados satisfatórios com os seus ouvintes, nesse caso específico, as crianças da Educação Infantil.

De acordo com Santana e Fonseca (2012), em uma narrativa é necessário que o narrador conte a história para os ouvintes de modo que eles possam imaginar, por exemplo, “o lobo mal” da história, a “chapeuzinho vermelho” e entre outros personagens. Sendo assim, é relevante dar asas para a imaginação do público infantil no ato de contar histórias, e, dessa maneira, o contador poderá utilizar diversas estratégias, dentre elas, a mudança na tonalidade da voz, a utilização de expressões com a face, essas ações são formas de auxiliar o processo de contar as histórias, chamando a atenção dos ouvintes.

Santana e Fonseca (2012) ainda revelam que é importante que o narrador tome cuidado no momento de contar histórias de modo que não soe falso, tendo em vista que o simples emprego da mudança na voz e um tom já propiciam a imaginação das crianças. Outra estratégia que pode ser utilizada pelo contador é a narração de histórias em pé, uma vez que pode ser um modo mais adaptável, podendo utilizar gestos, brincar com os movimentos, organizando uma roda com os ouvintes, para que o narrador olhe nos olhos de cada criança ali presente. Além disso, a utilização dos objetos também é uma maneira de estimular o ato de contar histórias.

Na perspectiva de Cristine (2015), é recomendável que o educador realize todo um ritual antes do momento de contar as histórias. Sendo apropriado que o professor ou o contador, ao contar uma determinada história, disponha de uma variedade de estratégias, conforme os seus objetivos específicos. Entre as estratégias mencionadas destacamos: o uso da expressão corporal, o ritmo, o gesto, e principalmente a entonação da voz, possibilitando com que nesse momento os ouvintes fiquem envolvidos pelo encantamento e pela fantasia.

Ainda no entendimento de Cristine (2015), sugere-se ao contador de histórias que conceba no ambiente da sala de aula o livre acesso aos livros por meio de um cantinho de leitura, no qual possam ficar disponíveis às crianças, os livros, as revistas, jornais, etc., promovendo, desse modo, o seu manuseio. Ademais, também se orienta que o professor/contador se informe mais acerca de aspectos que estão atrelados na apropriação no processo da leitura e seus aspectos relevantes na visão linguística, psicológica, social e fisiológica. Ressalta-se também que quando o

profissional tem domínio adequado de seu papel a ser desempenhado, o resultado é significativamente diferenciado e qualificado.

Os narradores devem utilizar de diferentes estratégias para a contação de histórias para que se possa estimular, na criança, o desenvolvimento de emoções, ensinamentos, o desejo pela leitura e entre outros aspectos positivos. Sendo assim, alguns aspectos são importantes e devem ser implementados como estratégias, dentre elas, o ambiente físico da contação de histórias, pois o local deve ser levado em conta pelos professores/contadores, assim como os materiais escolhidos, como, por exemplo, fantoches, televisão e sucata.

De acordo com Silva (2008), no que diz respeito ao local, o espaço físico é considerado relevante, tendo em vista que influencia não apenas na desenvoltura do contador de histórias, mas também em como as crianças capturam o conteúdo da história. Alguns dos aspectos que devem ser levados em consideração, dizem respeito em como as crianças serão apresentadas e quais as particularidades ambientais que irão contribuir para a encenação e o conforto das crianças da Educação Infantil.

Ainda na visão de Silva (2018), em relação aos materiais, podem ser sugeridos recursos, sendo alguns considerados de simples manipulação de fácil obtenção: a sucata, com a qual se pode confeccionar instrumentos musicais e até mesmo personagens da história, de forma lúdica, promovendo um leque de atividades em relação à contação de histórias; os fantoches, que podem ser utilizados com a finalidade de ilustrar as histórias contadas; a televisão de papelão que corresponde a uma imitação de um aparelho de televisão, em geral, apenas a parte frontal desenhada numa caixa de madeira ou de papelão, que vai emoldurar as ilustrações da contação de histórias.

Quanto à utilização de recursos nesse processo, Bellini (2017) pontua que cada dia que passa nos é apresentado um recurso novo em relação à arte de contar histórias, e é relevante que os professores/contadores se encontrem atualizados para que, desse modo, possam contar as histórias para as crianças da Educação Infantil. A frequência com que são contadas é outro aspecto importante na criação do hábito.

Assim como foi mencionado anteriormente, diversos recursos podem ser empregados em relação à arte de contar histórias, e, além disso, também se pode citar os aventais e dedoches, assim como considera Bellini (2017), revelando que a contação de histórias utilizando o avental é uma forma interessante de cativar as crianças, uma vez que, o contador pode desenvolver a contação de histórias olhando para o seu público e movimentando o personagem livremente antes de anexá-lo no avental. Dessa forma, é importante que o avental seja personalizado e colorido, como um cenário para comportar os personagens da história.

Os dedoches também são mencionados por Bellini (2017) como outro recurso apropriado que pode ser utilizado pelos professores ou contadores, de forma que fiquem mais perto dos ouvintes. Os dedoches possibilitam com que o público se aproxime dos personagens e da história em si, uma vez que essa técnica não exige muita habilidade, bastando apenas o encaixe dos personagens no dedo para que a história inicie. A Figura 1 e Figura 2 apresentam modelos dedoches e avental utilizados na contação de histórias.

Figura 01: Dedoches para contação de histórias



Fonte: Colombo (2019).

Figura 02: Avental de História



Fonte: Scalfi e Corrêa (2019).

Na contação de histórias, os dedoches podem contribuir com a estimulação da criatividade das crianças, de modo que através deles os professores/contadores possam contar as histórias e deixá-las ainda mais criativas e interessantes. Esses objetos ao serem manuseados pelos contadores também deixam as histórias educativas, sendo consideradas de fácil articulação.

Outros recursos podem ser utilizados na arte de contar histórias, como por exemplo, os recursos cênicos e musicais, com um enredo colorido, além da presença de outras técnicas, como a utilização de lenços, perucas, sinos, gaitas, malas e diversos outros objetos. Desse modo, sabe-se que quanto mais recursos adequados forem utilizados pelos responsáveis na contação, melhor o resultado e o envolvimento por parte das crianças.

No entendimento de Mainardes (2008), com o objetivo de obter êxito, algumas atividades foram padronizadas, como por exemplo, a seleção das temáticas das histórias e a preparação para a contação. Na seleção das temáticas das histórias, os mesmos devem ser selecionados cuidadosamente, de maneira que se evitem determinados preconceitos ou moralismos. Após a seleção, deve-se preparar a

contação de histórias em si e, essa é uma etapa importante para o contador/professor.

No que diz respeito à etapa de preparação da contação de histórias, considera-se que:

Isso significa estudá-la, observando seus detalhes, compreendendo as partes que a constituem (introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho), para transmiti-la com propriedade ao ouvinte. Isto é: saber revelar os pontos emocionantes na narrativa, o ritmo adequado, destacar o suspense com pausas, utilizar adequadamente o silêncio, falar com clareza, olhar para todos os ouvintes e usar uma movimentação corporal que possa enriquecer a narrativa (MAINARDES, 2008, p.09).

Mainardes (2008), em seu estudo, elenca as estratégias úteis para que as crianças se apropriem das histórias trabalhadas nas oficinas de contação de histórias. O Quadro 01, a seguir, apresenta as respectivas estratégias empregadas por meio do estudo de Mainardes (2008).

Quadro 01: Estratégias utilizadas na contação de histórias

Estratégia		Atividade desempenhada
1	Estudar a história (compreender)	Não é necessário memorizar, mas é preciso compreendê-la, guardar as sequências dos fatos e saber como transmitir toda a emoção no momento exato, tornando-a apaixonante.
2	Sentir a história	A história deve despertar a sensibilidade de quem a conta, sem emoção não haverá sucesso.
3	Ter domínio completo sobre o texto	O contador tem que estar seguro sobre o que vai contar, senão é melhor não contar.
4	Acreditar na história	O contador tem que fazer o ouvinte acreditar naquilo que está sendo contado, por mais irreal que pareça, tem que passar credibilidade
5	Olhar para a platéia	O olhar é um vínculo fundamental de ligação entre o narrador e o público.
6	Falar com voz clara e Agradável	Contar com naturalidade é contar sem afetação, de forma clara, audível e agradável, sem impostar a voz ou falar em falsetes.
7	Ser comedido nos Gestos	Se exagerar em gestos sem objetivos, quando fizer um que seja necessário para melhor entender a história, tal gesto não será notado.

Fonte: Adaptado de Mainardes (2008).

Com base no que foi exposto no Quadro 01, o professor/contador de histórias deve implementar estratégias, sendo elas, estudar por completo a história, sentir a história, possuir domínio por inteiro do texto, acreditar na história a ser contada, olhar para a platéia, falar com um tom claro e agradável, além de ser comedido nos gestos. Desse modo, para que o responsável pela contação de histórias consiga aplicar essas estratégias, o mesmo deve buscar esses conhecimentos para que melhor possa desenvolvê-lo.

Isso significa que para que um professor ou contador de histórias obtenha resultados satisfatórios com as crianças, o mesmo deve estabelecer mecanismos e se preparar antecipadamente para traçar os seus objetivos. A contação de histórias deve ser bem planejada e estruturada, assim como o profissional que executará deve estar atento ao que deve ou não ser realizado para que as crianças compreendam a mensagem e o propósito do final da história.

Sabemos que existem diversos recursos que podem ser utilizados pelos professores/contadores de histórias no processo de contação, no entanto, apesar de existirem técnicas variadas e de saber a importância da contação para as crianças na Educação Infantil, esse processo é considerado desafiador no que diz respeito à implementação pedagógica, sendo necessário o conhecimento por parte de quem o irá realizar.

Existem muitas estratégias, individuais e coletivas no trabalho com a literatura, no entanto, o uso da contação de histórias possibilitou atividades que envolvessem a participação, o movimento, a música, o riso, o lúdico e a atribuição de novos sentidos, evitando-se que textos literários fossem usados como instrumentos para introduzir atividades cansativas e mecânicas (CASTRO, VITALIANO, 2017, p. 18).

As diversas estratégias utilizadas pelos professores/contadores promovem um melhor entendimento da história contada, assim como um melhor aproveitamento do momento, permitindo com que haja uma maior participação e interesse dos ouvintes. Sendo assim, os professores devem se sentir estimulados e incentivados no que diz respeito ao aprimoramento dessas atividades, visando à obtenção de resultados satisfatórios na arte de contar histórias.

A seguir, apresentamos o relato de experiência desenvolvido a partir das observações realizadas acerca da vivência da contação de histórias em turmas da Educação Infantil de uma escola da rede privada na cidade de Campina Grande,

5. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB

5.1 Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como sendo um relato de experiência na *Escola Mundo Encantado*⁸, localizada no bairro do Catolé em Campina Grande-PB, que possui como objetivo geral de discutir a importância do ato de contar histórias para crianças. As informações obtidas na realização da presente pesquisa por meio do relato de experiência são relevantes porque apresentam as metodologias e ações da professora em relação à contação de histórias.

De acordo com Santos (2012), o relato de experiência corresponde a um texto em que o autor ou os integrantes de uma determinada pesquisa relatam suas vivências, demonstrando fatos e situações consideradas relevantes ou interessantes, de modo que, possam contar, explicar e justificar em sua trajetória, sendo, portanto, um texto reflexivo de crítica e autocrítica.

Esse relato de experiência se valeu de pesquisa do tipo qualitativa, a qual visa compreender particularidades e as experiências individuais, com a finalidade de entender determinados comportamentos. Segundo Gil (2018), com base no enfoque interpretativista, o mundo e a sociedade devem ser compreendidos de acordo com a perspectiva daqueles que o vivenciam, dessa forma, o objeto de pesquisa em

⁸ Nome fictício.

decorrência de uma construção social. Desse modo, a pesquisa qualitativa passou a ser reconhecida como relevante para o estudo da experiência vivida, assim como dos complexos processos de interação social.

Esse relato de experiência se prende ao caráter descritivo, tendo em vista que visa minuciar as etapas referentes à contação de histórias desenvolvida pela participante da pesquisa. De acordo com Gil (2018), as pesquisas descritivas possuem como finalidade a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno. Podem ser desenvolvidas também com o intuito de averiguar possíveis associações entre as variáveis. São em grande número as pesquisas que podem ser agrupadas como descritivas e a maioria das que são realizadas com objetivos profissionais provavelmente se enquadram nesta categoria.

Com a finalidade de apresentar todo o processo desenvolvido na contação de histórias, assim como as ações, impressões, metodologias utilizadas, desafios e dificuldades inerentes a ela, foi realizada uma entrevista com uma professora da Educação Infantil da *Escola Mundo Encantado* para que posteriormente pudesse ser desenvolvido uma proposta de trabalho com a Literatura Infantil a partir do relato de experiência.

A entrevista foi realizada no dia 05 de junho de 2019 e o relato foi obtido através de uma entrevista com a participante da pesquisa. As respostas foram organizadas com base nas informações coletadas, no que se refere às etapas para a realização da contação de histórias, assim como as dificuldades e os desafios enfrentados, por exemplo e estão apresentadas na subseção a seguir.

5.2 Proposta de trabalho com a Literatura Infantil, a partir do relato de experiência

A experiência relatada pela professora do Jardim II - Joana - da *Escola Mundo Encantado*, localizada na cidade de Campina Grande-PB retrata como a mesma faz o uso da contação de histórias no seu cotidiano de sala de aula. Conforme informado pela professora, as crianças de sua sala de aula possuem cinco anos de idade. Durante a entrevista, a professora mencionou que o seu objetivo com a contação de histórias visa realizar o resgate e o prazer pela leitura fazendo uso dos livros infantis.

Dessa forma, as atividades relacionadas à contação de histórias e a literatura infantil iniciam-se no primeiro semestre, quando a professora trabalha uma vez na semana com uma história infantil, sendo sempre nas sextas-feiras, no qual através da apresentação de cada livro, as próprias crianças realizam uma votação para selecionar a história que será contada.

Após essa seleção, a docente realiza a leitura da história escolhida, e em seguida, ocorre uma roda de conversa, no qual as crianças falam o que compreenderam da história contada. Posteriormente a essa conversação, são realizadas algumas atividades como, por exemplo, o reconto da história de maneira coletiva, no qual por meio de um cartaz, a turma narra uma parte da história respeitando sempre o início, meio e o fim, como também ilustrações da história e pintura referente à mesma, explorando a atenção e a criatividade, como também o gosto e o prazer pela leitura, sendo assim, esse processo é repetido a cada semana.

O envolvimento das crianças nessas atividades foi o que nos chamou mais atenção. Quanto a esse aspecto, Bernardino e Souza (2011) pontuam que é interessante que as crianças participem da contação de histórias, pois a energia

infantil deve ser direcionada e aproveitada em seu contexto. Sendo assim, as crianças podem fazer o uso de uma onomatopeia qualquer, tendo em vista que esse recurso interativo pode ser utilizado para que a criança seja uma ouvinte ativa e não passiva.

Ribeiro (2008) destaca a importância da atividade de recontar histórias conhecidas, desenvolvida pelas crianças com auxílio de um professor, que pode utilizar recursos como ilustrações. Nesse contexto, cabe ao professor propiciar situações para que as crianças possam entender as associações entre o que se fala no texto original e a imagem.

No contexto da narração, os professores/contadores de histórias necessitam de uma variedade de materiais: contos maravilhosos, fábulas, lendas, mitos, poesias, adivinhas e livros com imagens; recursos apropriados à faixa etária das crianças e a seu nível de desenvolvimento cognitivo. Transitar pelos textos literários (poesias, contos, etc.) promove empolgação e dinamismo na hora da narração, prendendo a atenção das crianças (BERNARDINO; SOUZA, 2011).

O Quadro 02 apresenta um resumo das atividades realizadas no primeiro semestre do ano letivo pela professora Joana da *Escola Mundo Encantado*.

Quadro 02: Atividades desempenhadas no primeiro semestre

1	História infantil uma vez na semana
2	Votação da história a ser lida
3	Contação da história
4	Roda de conversa
5	Reconto da história

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Prosseguindo o trabalho, no início do segundo semestre, Joana afirmou que implementa o projeto de leitura que ela realiza todos os anos. Nessa etapa as crianças são estimuladas a ouvir histórias e a professora deixam-nas livres para que possam escolher a história do interesse delas. Ela também destacou que evita o uso de palavras consideradas complexas, pois avalia que, como as crianças ainda estão iniciando o processo de leitura, estar familiarizadas com o vocabulário pode contribuir para a identificação. A finalidade do processo é impulsionar o gosto pela leitura como uma atividade prazerosa.

Para o final do seu projeto, a docente busca, junto com a turma, que cada criança faça a leitura individual da história escolhida, apresentando-a aos demais colegas da sala. A professora também relatou que permite que cada criança leve livro escolhido para casa visando estimular o momento da leitura em família.

As atividades desenvolvidas com base ao projeto de leitura decorrente ao segundo semestre proposto pela professora Joana, foram resumidas no Quadro 03 a seguir.

Quadro 03: Atividades desempenhadas no segundo semestre

Escolha da história
Apresentação da história de forma individual
Envio da história para a casa da criança

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Com base no que foi narrado pela professora Joana, podemos propor um processo de trabalho com a arte de contar histórias na Educação Infantil visando aperfeiçoar os processos desenvolvidos por ela conforme as discussões desenvolvidas neste trabalho. Para tanto, tomaremos como base os estudos de Mainardes (2008), no qual são mencionadas sete estratégias que podem ser empregadas na arte de contar histórias por parte do professor, como por exemplo, ouvir a história, sentir a história, ter domínio completo sobre a história, acreditar na história, olhar para a platéia, falar com voz clara e agradável e por último, ser comedida nos gestos.

No que diz respeito à estratégia de ouvir a história, o professor não deve necessariamente memorizar a história, mas principalmente apropriar-se da história de tal modo que ao não se lembrar de detalhes, possa reinventá-los, também, já se diz que, quem conta um conto, aumenta um ponto. Acerca do sentir a história, o professor deve obter a sensibilidade para que sejam despertadas as emoções. Logo, na arte de contar histórias, o contador também deve ter domínio completo da história contada, de modo que o mesmo esteja seguro do que irá contar (MAINARDES, 2008).

[...] Importante também é uma pré-leitura pelo professor, indicando as crianças o que esperar da história, ou que prestem à atenção em algo específico, numa pós leitura depois da contação, é interessante perguntar ao grupo o que acharam dos personagens, que descrevam o lugar onde a história acontece ou se gostaram do final. Pergunta mais específica desenvolvem a atenção a detalhes e a capacidade de lembrá-los, questões abertas sobre a história são boas para a discussão em sala e ajudam a criança a aprender a relacionar suas experiências particulares e de outras pessoas (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 246).

Além disso, também é necessário que o professor, ao contar determinada história, acredite na mesma para que passe segurança do que está sendo contado para as crianças, evitando que uma possível insegurança possa ser repassada para a criança que escuta.

Outra estratégia importante é o contato visual, pois esse é um vínculo fundamental de ligação entre o narrador e o público e/ou a criança (MAINARDES, 2008).

A voz do contador também é considerada relevante, pois a mesma deve envolver as próprias emoções a serem transmitidas às crianças, sendo assim, o professor deve contar a história com naturalidade, de modo que seja clara audível e agradável. Ademais, os gestos devem ser comedidos para que as crianças compreendam melhor a história contada (MAINARDES, 2008).

Conforme citado Bernardino e Souza (2011), a escritora de Literatura Infantil e Juvenil, pedagoga, atriz e contadora de histórias profissional Fanny Abramovich considera que existem cuidados e preparos que podem ser desempenhados por parte do professor/contador de histórias, e eles se referem a:

Saber escolher o que vai contar, levando em consideração o público e com qual objetivo; 2. Conhecer detalhadamente a história que contará; 3. Preparar o início e fim no momento da contação e narrá-la no ritmo e

tempo que cada narrativa exige; 4. evitar descrições imensas e com muitos detalhes, favorecendo o imaginário da criança; 5. Mostrar à criança que o que ouviu está ilustrado no livro, trazendo-a para o contato com o objeto do livro e, por consequência, o ato de ler; 6. E por último, saber usar as possibilidades da voz variando a intensidade, a velocidade, criando ruídos e dando pausas para propiciar o espaço imaginativo (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 245).

As oito estratégias mencionadas podem ser empregadas na arte de contar histórias, funcionando como um guia para os professores sobre a postura e comportamento daquele toma para si a função de contar a história, devem agir e se ressaltar também que outros recursos também podem ser implementados de maneira que possam melhorar ainda mais esse processo.

De acordo com Leal (2014), para ser um contador não é necessário apenas narrar uma história, o contador/professor (a) necessita encantar as crianças, empregando dos variados artifícios, portando de criatividade, improvisação, recursos sonoros, visuais, gestos, ou seja, recursos que proporcionem enriquecimento a contação, consoante a toda essa arte. Nesse aspecto, Bettelheim(1996) nos adverte que:

[...] Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (BETTELHEIM, 1996, p.13).

Ainda discutindo a utilização de recursos visuais, Scalfi e Corrêa (2014) menciona, em seu estudo, a produção de um avental para a contação de histórias. Nesse contexto, podemos considerar que:

Cada item criado no avental foi pensado e escolhido para refletir os objetivos propostos na contação. Por exemplo, a colméia está localizada no alto de uma árvore, rodeada por flores de diferentes espécies e cores. Esta foi uma opção para exemplificar a diversidade de plantas e a relação das abelhas com a polinização (SCALFI; CORRÊA, 2014, p. 112).

No caso dos estudos de Scalfi e Corrêa (2014), o avental utilizado para a arte de contar histórias possuía itens pensados na história que seriam contados, como por exemplo, a abelha, flores e cores. No entanto, outros objetos também podem ser empregados nesse processo de contação, como no caso desses autores utilizaram abelhas em tamanhos maiores que o normal.

Em relação à utilização de abelhas e os tamanhos empregados:

As abelhas foram produzidas em tamanhos maiores que o real, mas as proporções nas diferenças de tamanho e características entre as operárias, a rainha e o zangão foram seguidas. Todos os personagens possuíam velcro no abdômen, para que pudessem ser fixados em pontos com feltro (nas flores e na colméia) (SCALFI; CORRÊA, 2014, p. 113).

O uso do avental assim como o de outros objetos é importante na arte de contar histórias, tendo em vista que contribuem para que haja maior envolvimento e atenção por parte das crianças/ouvintes, tornando o processo de contação ainda mais interessante. Sendo assim, os materiais que podem ser escolhidos pelo contador de histórias podem ser, por exemplo, fantoches, televisão e sucata, lenços, perucas, sinos, gaitas, malas e entre outros.

No que diz respeito aos bonecos, podemos considerar que:

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 244).

A contação de histórias, como já foi dito anteriormente, deve ser trabalhada desde a Educação Infantil, de modo que se respeite o estágio de desenvolvimento psicológico, cultural, emocional, cognitivo em que as crianças se encontram. É necessário lembrar que antes de completarem 03 anos as crianças vivem em um mundo concreto, mas a partir dos 03 e 04 anos começam a viver no mundo da imaginação, no qual uma atividade vividamente imaginada para elas é como se fosse real. Isso significa que uma narração de conto com aparato visual – desenhos, encenação com brinquedos e bonecos ou com diversos gestos expressivos – prendem muito mais atenção desta faixa etária do que se fosse apenas contada sem a utilização desses recursos (BERNARDINO; SOUZA, 2011).

O desenvolvimento de uma proposta pautada na arte de contar histórias é relevante para o profissional da área, uma vez que o mesmo necessita conquistar o interesse das crianças/ouvintes para que ouçam e também possam interagir com a história contada. Desse modo, com a utilização de estratégias e recursos, o contador/professor deve possuir embasamento teórico para que possa despertar o desejo das crianças/público, aprendendo técnicas e experiências de sua própria vida, permitindo a interação e propiciando momentos únicos para os ouvintes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de discutir a importância do ato de contar histórias para crianças da Educação Infantil a partir do relato de experiência de uma professora de uma instituição de ensino da rede privada, no município de Campina Grande - PB, de modo que se possam mostrar os benefícios dessa prática.

Para tanto, refletimos sobre a significativa relevância de desenvolver estudos que abordem as potencialidades oportunizadas pela prática da leitura viabilizada a partir da contação de histórias, sobretudo na Educação Infantil, é nesse contexto que o presente trabalho se enquadra.

As reflexões desenvolvidas mostraram que a contação de histórias tem relação direta com o processo de formação leitora, elas também mostram o papel fundamental que os professores exercem quando reconhecem a importância dessa atividade, buscando se preparar, planejar e estimular a contação de histórias em sala de aula, independente se com o objetivo de abordar as diversas temáticas ou desenvolvê-las para o puro deleite infantil.

Registramos que, para tanto, é imprescindível à utilização técnicas bem elaboradas, com estratégias para que os professores possam aperfeiçoar suas estratégias contribuindo para estimular o interesse das crianças pela história contada e posteriormente para a leitura propriamente dita.

Ficou constatado que ouvir histórias na infância é uma atividade relevante para a formação leitora das crianças, tendo em vista que esses sujeitos se encontram em sua fase inicial. Sendo assim, as histórias contadas por um professor/educador estimulam as crianças em diversos aspectos: o seu desenhar, o ouvir, o pensar, o escrever ou recontar a história, apropriando-se dela.

A contação de histórias pode incentivar a criança a criar o hábito e prazer pela leitura, despertando a curiosidade e a criatividade. Além disso, a contação de histórias também possibilita que as crianças saiam de sua realidade e passem a enxergar novas perspectivas, horizontes, sensações e sentimentos. Para que esses benefícios possam ser acarretados, o professor ou o profissional que realiza a contação de histórias deve estar atento quanto às técnicas e procedimentos para obter resultados positivos.

Quanto ao relato de experiência narrado pela professora Joana da *Escola Mundo Encantado*, ficou constatado que o trabalho foi dividido por semestre, no qual a professora trabalhou com a sua experiência com a contação de histórias, trazendo o conto, a história sendo enviada para o contexto familiar.

A nosso ver, as estratégias desenvolvidas pela professora Joana foram proveitosas, dentro da proposta desenvolvida por ela. No entanto, ressaltamos a necessidade de buscarmos repensar, reinventar novas formas de explorar a Literatura Infantil. Assim, apresentamos como proposta de abordagem para a Professora Joana e profissionais da Educação Infantil, sete estratégias propostas desenvolvidas por Mainardes (2008) que podem contribuir para facilitação do processo e melhoria dos resultados da contação de histórias, cita-se: ler a história, sentir a história, ter domínio completo sobre a história, acreditar na história, olhar para a platéia, falar com a voz clara e agradável e ser comedido nos gestos. Destacamos também a possibilidade de potencialidades da utilização de outros recursos na contação de histórias, como por exemplo, fantoches, bonecos, aventais, imagens e entre outros, como forma a despertar o interesse da criança através de estímulos visuais que despertem sua atenção.

Levando-se em consideração os aspectos abordados, conclui-se que a importância da leitura e da contação de história no contexto escolar da Educação, é inegável, contribuindo para o seu desenvolvimento em todos os aspectos, desde o desenvolvimento da linguagem, concentração, interação e introduzindo a ele o interesse pela leitura.

7. REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C; FONSECA, J. T. **Contar e Encantar: Uma proposta para sala de aula.** 2012. 33 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) – Unifil. Centro Universitário Filadélfia, Londrina, 2012.
- BERNARDINO, A. D.; SOUZA, L. O. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. **Educare et educar e revista de educação.**São Paulo, v 06, nº12, p. 235-249, jul./dez. 2011.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: paz, e terra, 1996.
- BUSATTO, C.**A arte de contar historias no século XXI: tradição e ciberespaço.** 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano 1. As artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** [2. Reimpr.]. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2018.
- LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- MATEUS, A. N. B.; *et al.* **A importância da contação de história como prática educativa na Educação Infantil.** In: Periódicos Puc Minas, 2014. p. 54-69.
- PEREIRA, M. E. R. **Projeto "Griots (contadores de histórias) UEPB" e suas contribuições para minha prática docente.** 2017. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.
- PERROT, M. **Minha História das Mulheres.** Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIBEIRO, J. **Ouvidos dourados – a arte de ouvir as historias** (...para depois contá-las...). São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2008.
- SANTOS, R. **A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil.** Porto Alegre, UFRGS, 2011.
- CISTO
- SOUSA, F. R, STRAUB, S. L. W. **A Arte de Contar Histórias na Educação Infantil.** Vol. 5, São Paulo, 2014, 122-131p.

WEBMAIL

BELLINI, F. **Recursos para contar histórias na educação infantil**. 2017. Disponível em: <<<https://demonstre.com/recursos-para-contar-historias-na-educacao-infantil/>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

COLOMBO. **Teatrinho Dedoches Animais da Selva**. 2019. Disponível em: <<https://www.colombo.com.br/produto/Brinquedos/Teatrinho-Dedoches-Animais-da-Selva-7500-Buba?q=0>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

CRISTINE, E. **A arte de contar histórias**. 2015. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/a-arte-contar-historias.htm>> Acesso em: 28 de maio de 2019.

SILVA, L. **Conheça estratégias e a estrutura necessária para a contação de histórias**. 2018. Disponível: <<https://www.cpt.com.br/artigos/conheca-estrategias-e-a-estrutura-necessaria-para-a-contacao-de-historias>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

SCALFI, G.A.M.; CORRÊA, G.A.M. **A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil**. 2014. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/1595/1127>> Acesso em: 10 de setembro de 2019.

LEAL, D. A. **Contar histórias: a arte de encantar, estratégias e nuances na formação docente**. 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA1_ID3580_15062017222552.pdf> Acesso em: 10 de set. 2019.

MAINARDES, R.C.M. **A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores**. 2008. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf> Acesso em: 01 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, pois sem ele eu não teria tido forças para chegar até aqui;

A minha família, em especial, ao meu marido **Aldemir** pela paciência no decorrer desses anos de estudo e pela força e estímulo, que sempre me deu quando eu mais pensava em desistir;

A minha orientadora– **Profa. Maria do Socorro Moura Montenegro**, pela competência, paciência e carinho que teve no decorrer de minha produção escrita deste artigo, sempre acreditando no meu potencial;

Agradeço a minha grande amiga **Raissa**, obrigada por sua cumplicidade e companheirismo nos momentos em que mais precisei de sua atenção para seguir na caminhada acadêmica.

Agradeço a **Universidade Estadual da Paraíba**, a **Coordenação de Pedagogia**, que teceu os fios de minha graduação, a cada semestre e aos meus **professores** que contribuíram significativamente para a qualidade de minha formação acadêmica.